

## Apresentação – Dossiê: Experiências e práticas de História Pública

### Organizadores:

*Juniele RABÊLO DE ALMEIDA<sup>1</sup>*  
*Mauro FRANCO NETO<sup>2</sup>*

É com grande satisfação que apresentamos o dossiê “Experiências e práticas de História Pública”, que reúne uma seleção de artigos realizados a partir de práticas comprometidas com o impacto social e as dimensões públicas da História. Neste dossiê, propomos um diálogo sobre experiências que promovem a democratização do conhecimento histórico e o engajamento com diversas comunidades, ultrapassando a ideia de ampliação de audiências. O movimento da História Pública traz múltiplos estudos e práticas que buscam, de maneira dialógica, metodologias participativas que envolvam escolas, centros de memória, espaços midiáticos, associações comunitárias, museus, arquivos, organizações culturais e outros. Trata-se do engajamento social na História, que busca catalisar novas experimentações em exposições, documentários, redes sociais e outros recursos digitais. Ao refletir sobre seu papel social, a História Pública promove narrativas plurais e socialmente vivas.

---

<sup>1</sup> Professora do Instituto de História da Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutora em História Social (USP). Pós doutora pela UFMG e pela University of California, UC Berkeley (Professora Visitante) e UFRGS. UFF. Niterói. RJ. Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9468-9192>. E-mail: [junierabelo@gmail.com](mailto:junierabelo@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Doutor em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). UEMG. Divinópolis. MG. Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0002-5473-8436> E-mail: [mauro.neto@uemg.br](mailto:mauro.neto@uemg.br)

O primeiro artigo, “*Resistir para existir: uma experiência pública numa exposição LGBTQIA+*”, de Marta Gouveia de Oliveira Rovai, compartilha a experiência transformadora de uma exposição LGBTQIA+ no Museu de Memória e Patrimônio da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). A exposição, vinculada ao projeto AMHOR, é um ato de resistência e visibilidade para comunidades dissidentes, oferecendo uma perspectiva museológica que valoriza as vozes e as histórias muitas vezes marginalizadas. Este trabalho reflete sobre as práticas de História Pública que catalisam narrativas coletivas que contribuem para problematização das normas cis heteronormativas, tornando o museu um local de acolhimento e representatividade.

No artigo “O biógrafo e o biografado, entre as fontes e o encontro: relações entre História Oral e da História Pública na escrita biográfica”, Igor Lemos Moreira explora as complexas e enriquecedoras relações dialógicas entre o historiador e o sujeito biografado. Utilizando sua experiência na elaboração de uma biografia da cantora cubana Gloria Estefan, Moreira revela os desafios e as oportunidades de construir uma narrativa histórica colaborativa. Esse artigo oferece reflexões valiosas sobre a ética na prática historiográfica, destacando a relevância da biografia como uma forma de história pública.

Em “Narrativas docentes a partir de entrevistas públicas: uma estratégia de formação de professores”, Marianna Carla Costa Tavares, Aliny Dayany Pereira de Medeiros Pranto e Maria Inês Sucupira Stamato refletem sobre a realização de “entrevistas públicas docentes” a partir da construção de uma pedagogia dialógica e colaborativa. Ao valorizar as experiências pessoais das professoras, com uma metodologia que integra a história oral e a história pública, o trabalho evidencia o impacto transformador do compartilhamento das trajetórias de vida dos educadores, fortalecendo os laços entre a comunidade escolar por meio da História Pública.

O quarto artigo, “Espetáculo Teatral Cartas de Darcy Ribeiro: quando o historiador idealiza, escreve, produz e realiza seu próprio projeto em história pública nos palcos”, de Max Fabiano Rodrigues de Oliveira, traz um relato envolvente sobre a produção do espetáculo teatral “Cartas de Darcy Ribeiro”. Este trabalho evidencia o potencial criativo da História Pública nas artes cênicas e mostra como o historiador

pode se reinventar ao produzir um projeto interdisciplinar que abrange desde a captação de recursos até a direção artística. A peça proporciona ao público uma experiência viva da história brasileira e das ideias de Darcy Ribeiro.

Em “Entre a Nova e a Velha república: as representações da História do Brasil na TV Senado”, Isadora Dutra de Freitas analisa as construções narrativas da história brasileira nos programas da TV Senado, em especial nos episódios que abordam “Proclamação da República” e a “Revolução de 1930”. O artigo ressalta como esses eventos são representados e perpetuados na memória nacional por meio da televisão pública. Freitas contribui com uma análise crítica das representações das elites políticas e do papel do centralismo e federalismo na formação do Brasil contemporâneo, proporcionando interpretações sobre a produção e o consumo de narrativas históricas no espaço midiático.

Ademas Pereira da Costa Jr., em “História Pública e Maretórios: percursos participativos de uma pesquisa sobre a pesca artesanal em Niterói/RJ”, oferece uma análise original sobre o conceito de maretórios e o papel das comunidades pesqueiras na preservação do patrimônio cultural e ambiental. Desenvolvido em parceria com o LABHOI-UFF e pescadores locais, este artigo apresenta uma abordagem participativa que valoriza o saber popular e coloca a história pública enquanto um diálogo direto com as necessidades e vivências das comunidades tradicionais.

O sétimo artigo, “Entre lives e dossiês: o uso das redes sociais digitais por revistas acadêmicas de História”, de Raquel Silveira Martins, explora como a pandemia intensificou a presença das revistas de História nas redes sociais, transformando-as em espaços de comunicação e divulgação científica. A pesquisa mostra como as ferramentas digitais, como lives e postagens, permitiram às revistas alcançar públicos geograficamente dispersos e diversificar suas audiências. Martins nos convida a refletir sobre o papel das redes sociais na História Pública e as possibilidades da democratização do acesso ao conhecimento acadêmico.

Joana Maximo da Silva, no artigo “Quem pode fazer história pública? Um estudo de caso sobre a Brasil Paralelo”, examina as narrativas da produtora gaúcha Brasil Paralelo, que apresenta conteúdos sobre a história brasileira com um viés conservador. O estudo de Silva é uma crítica contundente aos usos e abusos do passado

para fins ideológicos, propondo uma reflexão sobre os limites e desafios da História Pública no combate à desinformação e na defesa de um conhecimento histórico baseado em critérios científicos e éticos.

O artigo “História pública produzida pelo povo indígena Paiter Suruí: apresentação da etnia na rede social Instagram @paiter\_surui”, de Juliana de Almeida Rocha, oferece reflexões instigantes sobre o uso do Instagram pelos indígenas Paiter Suruí. Utilizando as redes sociais como ferramenta de afirmação cultural e política, o perfil @paiter\_surui é uma expressão de autonomia em tempos desafiadores. Rocha apresenta uma análise inspiradora sobre como os povos indígenas têm transformado o meio digital em um espaço de História Pública e resistência.

Wendy Rabelo Silva, no artigo “História pública e memória: as faces da memória em Carmo do Cajuru (MG)”, realiza um estudo minucioso sobre a preservação da memória local. O trabalho discute as complexas dinâmicas entre memória e identidade no contexto de uma pequena comunidade, destacando os desafios e as estratégias para garantir que a história local de Carmo do Cajuru (MG) seja acessível e valorizada pela população.

Nesta edição, a entrevista “Do poeta caribenho Édouard Glissant às suas relações com a História: uma conversa com a historiadora Priscila Dorella” oferece um diálogo enriquecedor entre Priscila Dorella e Juniele Rabêlo de Almeida, sobre o impacto do pensamento de Glissant na História e na identidade caribenha. Dorella compartilha suas experiências de pesquisa sobre História das Américas, trazendo uma perspectiva transnacional e transdisciplinar sobre a historiografia, a cultura e o pensamento decolonial.

Encerrando este dossiê, a resenha de Luiza Porto de Faria sobre o livro *História Pública em Movimento*, organizado por Juniele Rabêlo de Almeida e Rogério Rosa, analisa as estratégias e desafios do campo da História Pública no Brasil, reforçando sua importância na promoção de processos de pesquisa comprometidos com uma cidadania crítica em espaços dialógicos.

Este dossiê da *Revista Histórias Públicas* convida seus leitores a explorar a pluralidade das práticas de História Pública e a refletir sobre o papel transformador que a História pode ter na sociedade contemporânea. Assim, reafirma o compromisso com

práticas de história que se conectam com o tempo presente, que engajam diferentes públicos e que promovem uma compreensão histórica acessível e socialmente engajada.